

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

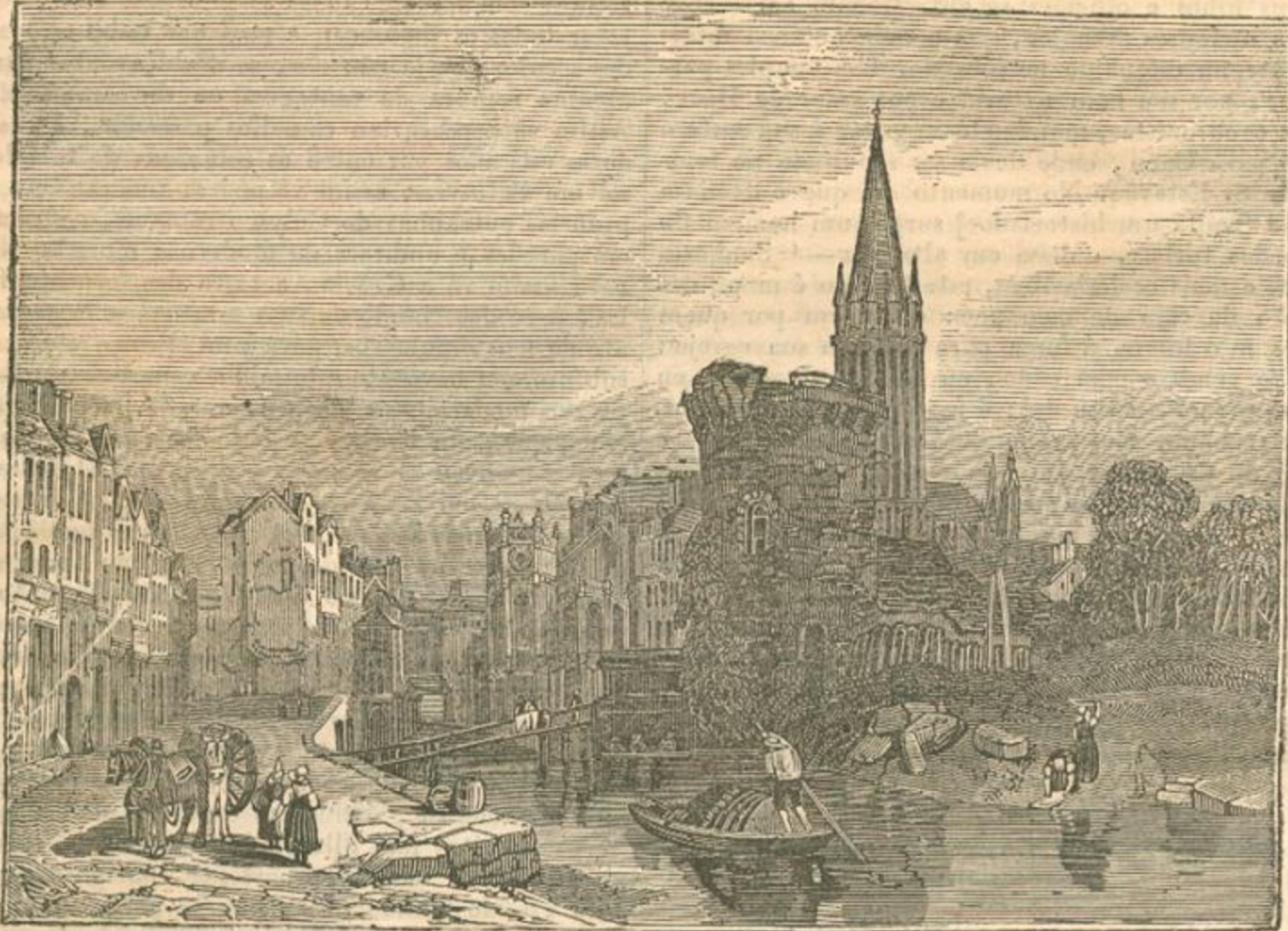
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

102)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(ABRIL 13, 1839)



UMA VISTA DE CAEN.

A CIDADE de Caen [pronuncia-se *can*], o principal foco das luzes e civilização da antiga Normandia, está situada, não distante da costa marítima, n'um valle fértil e formoso, na confluencia do Orne e do Odon. Pelo meiado do 11.^o seculo, o filho de Roberto do Diabo, Guilherme o conquistador, duque de Normandia, e rei d'Inglaterra, elevou Caen á cathogoria de cidade, deu-lhe consideração, e augmentou-a consideravelmente. No principio do seculo 13.^o, Caen, bem como todo o ducado de Normandia, passou para o dominio francez, no reinado de Philippe Augusto, pela confiscação feudal, feita ao monarcha inglez, João *Sem-terra*, vassallo da corôa de França. Ainda por duas vezes, em 1346 e 1417, apesar de suas altas muralhas, e vinte torções, apesar de seu arrogante castello, e largos fossos cheios pelos dois rios, que a banham, entrou na obediencia dos herdeiros dos seus primeiros senhores. Restituída porém depois á França, lhe tem sempre pertencido.

Esta cidade tendo entrado cedo na carreira da civilização, occupou nella sempre logar distincto; e enriqueceu o catalogo dos homens illustres da França com os nomes de Malherbe, Segrais, Malfilâtre, e do erudito Huet, bispo de Avranches. A sua bibliotheca, que encerra quarenta mil volumes; o seu museu, adornado com varios quadros do Poussin, do Perugino, de Rubens e outros; a sua academia

VOL. III.

universitaria, as suas escolas de medicina, de desenho, d'architectura, e de navegação, a sua academia das sciencias, artes, e bellas-lettras, o seu instituto de surdos-mudos, as suas muitas associações scientificas e litterarias, o seu jardim botanico, testemunham por um modo assombroso a actividade, superior á sua condição de cidade secundaria, com que propaga e fecunda o thesouro dos conhecimentos humanos.

Nesta terra, onde tanto se cultivam as letras e as sciencias, e que não pouco floresce com o commercio interno, acharão tambem os apaixonados pelas artes, além dos publicos estabelecimentos, monumentos dignos d'attenção. A igreja de S. Pedro de Darnetal, com sua torre antiga e afamada, não é o unico edificio curioso: outros ha recommendaveis, ou pela antiguidade, ou pela belleza das fórmulas e delicadeza dos ornatos, ou pelas recordações que suscitam. Os vestigios de Guilherme o conquistador, se encontram por toda a cidade: ainda no castello se conservam porções que elle edificára.

Guilherme tendo casado com Mathilde de Flandres, sua parente em gráu prohibido, o papa Nicolau 2.^o ratificou o matrimonio, com condição, porém, que cada um dos conjuges fundaria seu mosteiro: a abbadia da Trindade, de mulheres, n'um arrabalde, e a abbadia de S. Estevão, convento de homens, n'outro arrabalde, attestam ainda hoje que

a clausula foi satisfeita. Guilherme jaz na igreja de S. Estevão; em o seu tumulo se notam os estragos que lhe fizeram os protestantes em 1560, e a população revolucionaria em 1793: parecia fado do conquistador que os seus despojos mortaes fossem inquietados; porque já um incidente notavel tinha interrompido seu funeral. Morrendo em Ruão em 1087, o duque-rei foi tão completamente espoliado pelos seus criados nos ultimos momentos, em quanto seus filhos e officiaes se entretinham em lançar mão a melhores despojos, que o cadaver ficou inteiramente nu estendido no sobrado. Um simples particular, por seu bom natural e por amor de Deus, dizem os chronistas, mandou transportar á sua custa o corpo para Caen, onde devia ser sepultado no templo de S. Estevão. No momento em que o desciam á cova [conta um historiador] surgiu um homem do meio das turbas, e disse em alta voz — “Senhores bispos e mais ecclesiasticos, este terreno é meu; era o chão da casa de meu pae: o homem por quem rezaes m’o tomou á força para erigir a sua igreja: eu não vendi o meu chão, eu não o empenhei, eu não o alienei, não o dei: é meu por todo o direito, eu o reclamo. Em nome de Deus, defendo que o corpo do usurpador ahí seja posto, e que o cubra torrão meu.” — Foi preciso que o clero se quotasse entre si para fazer a somma de sessenta soldos, só mediante a qual o proprietario desapossado consentia na inhumação.

Caen, com uma população de 40:000 almas, é a capital do departamento de Calvados, que tira o seu nome dos escolhos da sua costa maritima, onde veio despedaçar-se, baptisando-os, um dos navios da invencivel armada [*], chamado *Calvados*.

ENTENDIMENTO E AFFECTOS OU AS DUAS PHILOSOPHIAS.

DUAS philosophias, inconciliaveis nos juizos apertados de seus fanaticos seguidores, contendem, largos annos ha, sobre a posse e senhorio deste orbesinho movediço, que Deus mesmo declarou ter entregue ás disputas dos homens: uma severa e terrestre; outra espiritual e suave. A segunda pensa pelo coração: a primeira não tem coração; mas pensa com mais força: a segunda diz amor, familia, felicidade; a primeira falla-nos de patria, de direito, de honra. O horizonte desta, riscado ao compasso da demonstração, fecha-se com a terra, abrange os vivos, e talvez os vindouros: os horizontes da sua émula, liberalizados pelo dedo infinito do sentimento — poesia de todos os tempos e povos — comprehendem terra e ceus, descendentes e ascendentes, berços e sepulchros, e as deliciosas e uteis incertezas dos desejos e esperanças, das recordações e saudades. Ambas ellas pregam e pelejam, sem fólga, nem treguas, nos livros e academias, nas praças e assembléas, nos governos e congressos. A revezes vencedoras e vencidas, mutuamente se exacerbaram; e de philosophias degeneraram em fanatismos: cada uma destroe o pouco bem que a sua contendora podéra ter deixado, e espalha em lugar deste, por puro despeito de vingança, males certos; que outra cousa não brota das maximas, e dogmas requintados, até nos systemas, e doutrinas mais justas. Uma theoria que a si mesma se auctorisa, ora por filha unica e legitima da liberdade, ora por sua mãe e natural guardadora [sendo, que a honesta e verdadeira liberdade nem a ama, nem a conhece, nem, com ella, poderia assen-

(*) O que era a invencivel armada, veja-se a pag. 38 do vol. 2.º do Panorama.

tar pousada ou parçaria entre povo nenhum] prohi-be, sob pena de escarneo e desprezo, — onde com a comminação de ferro e fogo o não póde, — toda e qualquer idéa, cujo objecto os sentidos não palpem, ou o não provem as frias linhas e estereis algarismos da mathematica. Segundo essa é o ceu um deserto absoluto, o globo um predio para uso-fructo, o homem uma especie de machina destructivel, e o presente, herdeiro sem condição do passado, póde estroncar sem remorso todas as grandiosidades, desbaratar todos os thesouros, e profanar todas as crenças dos seculos que já não são, se d’ahi aventar para si alguma sombra de vantagem ou de commodidade. Assim vê o peregrino camellos pascendo, e guardadores estirados por entre as columnas do templo do sol em Palmyra; assim vê pedras venerandas, e as proprias entranhas do Colyseu romano, convertidas em paredes e umbraes de modernas moradas italianas; assim vê a Grecia, a terra das formosas fabulas, ir-se desertando de suas estatuas millenarias, e até de seus sepulchros, para com elles se adornarem, sob um ceu nevoento e humido, os palacios ambiciosos dos modernos senhores do mundo. Foi esta theoria a que, em França, e hoje em mais alguns paizes, converteu as casas da oração em estabulos hediondos, e em tabernas de ebriedade; que arremessou as estatuas dos grandes homens nas fundições da artilharia, e os ossos dos principes, que a morte devera ter absolvido, no fundo do lodo. E posto que vergonhosa confissão seja para o genero-humano, força é não o dissimular, esta philosophia, respeitavel na origem, porque era razão; insoffrivel no engrandecimento, porque é furor e vertigem; cega e surda, secca e egoista, valente no declamar, tolhida para o bem, e não raro inimiga da sua propria consciencia, é tida em conta da melhor perante os espiritos mal allumiados da maioria da mocidade; — e á mocidade pertence indisputavelmente esta era do mundo. Mas porque nelle, todo o excesso provoca um contrario excesso, a extrema credulidade lá apparece em mais numeroso esquadrão de devotos pelejadores: todos os corações fracos e timoratos: todos os espiritos não arroteados pela educação, ou pela má educação estragados; todos aquelles, emfim, que no ultimo praso da vida e frontaria da morte, já não teem para que lhes sirvam as novidades, e não duvidam sacrificar um fraco resto de tempo ás vantagens possiveis da eternidade; todos estes, dizemos, profanam tambem e degeneram, com os seus encarecimentos e intolerancia, uma crença, cuja raiz antiga se entretece com todas as fibras de nosso interior, e de cujos ramos tantos fructos suavissimos teem caído pelo mundo. A sua chronica não está mais pura de capitulos absurdos e negros que a de seus adversarios: se esses attentam aos rostos dos mortos, lançam estes os vivos nas fogueiras dos autos da fé; se aquelles vedam os livros do culto, estes condemnam os da razão; se elles nos tolhem as mais puras e verdadeiras de todas as delicias d’alma, á voz destes as sciencias e as artes, a paz e a alegria mais de uma vez teem desaparecido de sobre a terra. Todavia, repeti lo-hemos, só no tribunal dos fanaticos de ambas estas especies, podem os dois oppostos systemas parecer inconciliaveis. O homem sincero, allumiado, e bom; o verdadeiro philosopho, isto é, o amigo da sabedoria util, regerá os passos do seu pensamento, e, se o pudesse, os de todos os seus semelhantes, pelo caminho medio; pedirá e tomará dos arrazoadores todas as verdades; porque todas ellas são prestadias; pedirá e tomará dos crentes tudo quanto, não contrastando a razão, concorrer de perto ou de longe para amansar os co-

ve gamella, cabaça ou escudella, que não se erguesse ao ar para apanhar aquelle benéfico liquido. Os que delle beberam não experimentaram damno nenhum; pelo contrario — disseram que era uma bebida gostosa. No momento em que cahia em qualquer vaso, parecia cerveja com muita escuma, que d'alli a nada se desfazia, e o licor ficava com a cor de aguardente mui transparente, e o sabor era um tanto amargo, com o que é de mucilaginoso. A arvore é communissima naquelle districto, e acha-se quasi sempre pelas margens dos rios, e ainda mais nos proprios leitos das correntes. Os malabares dão-lhe o nome de *maléré maran*. (*Colombro Journal de 1833*).



ISLANDEZA COM VESTES NUPCIAES.

ESTA ilha, situada no ponto onde começa o mar Glacial e acaba o Oceano Atlantico, a maior, abaixo da Graã-Bretanha, das ilhas que pertencem á Europa, terá de comprimento obra de 120 leguas, e de largura 65 ditas de 25 ao gráu.

Toda a ilha appresenta em notavel contraste, contiguos, reunidos, confundidos, todos os phenomenos resultantes da acção de frio mui vivo, e todos os effeitos nascidos da presença de fogo violentissimo. Assaltada, para assim dizer, pelos vagalhões de gèlo

que de continuo batem nas suas margens septentrionaes, onde quebram com estrondo semelhante ao de artilharia; enterrada em neves que seriam eternas se os calores do verão as não dissipassem por algum tempo; cercada de nevoeiros densos; banhada por chuvas geladas; esta patria dos caramellos, nem por isso deixa de ser [como diz um physico inglez] uma fornalha ardente, um immenso laboratorio, onde a natureza mantem sempre ateados fogos vivissimos. Crateras de volcões, onde sem cessar bramam novas erupções; frequentes tremores de terra; o solo revolvido, onde a cada passo se erguem montanhas, e se abrem, por via de extraordinarias fendas do terreno, abysmos espantosos; moles basalticas, campinas de lava, penedos espalhados por toda a parte; fontes que repuxam agua a ferver; taes são as manifestações exteriores, que revelam a terrivel conflagração subterranea. As vistas da Islandia, com suas bellezas selvagens, excedem os mais afamados espectaculos naturaes dos outros paizes. O monte Hecla, rei dos numerosos volcões da ilha, é mais arrogante na apparencia que o Vesuvio e o Etna, e mais activo e permanente que estas duas crateras celebres: a sua energia ainda não tem affrouxado. O rio Oxer-aa, que se abysma n'uma fenda do solo, fórma um dos mais bellos e pittorescos saltos, ou quedas de agua, que se conhecem; nada ha comparavel ás fontes de aguas ferventes, chamadas *Geysers* [*].

Por outra parte, estas forças combinadas e sempre activas do fogo e do frio tem feito a Islandia uma terra de ruinas. No chão calcinado e cuberto de gèlo falta a nutrição aos vegetaes; de raro uma arvore aviva a paizagem; até os abetos da Noruega, apesar da sua robustez e desprezo do frio, recusam vegetar na Islandia, e nunca poderam vingar as tentativas feitas para os aclimatar: os arbustos mais mesquinhos crescem com tanto custo nos sitios mais benignos que o governador da povoação de Reikjavik contemplava, como um triumpho, o ter podido crear, n'um taboleiro de seu jardim, á força de cuidados e ao cabo de muitos mezes, alguns freixos até a altura de seis palmos. “Não pouco se jactava disso [diz um viajante inglez] e affirmava que estas suas plantas mimosas eram os gigantes da vegetação islandeza.” Os poucos legumes, que alli crescem, dirigidos com summa habilidade e paciencia, degeneram na mesma proporção que os freixos; e as batatas pouco maiores são que avelaãs. Algumas plantas indigenas, herba rasteira, e musgos, são as unicas produções dos campos, onde nunca se ergue uma espiga. Todavia esta espantosa esterilidade, se dermos credito ás antigas chronicas do paiz, não foi sempre a condição da Islandia. Contam os historiadores que, em tempos remotos, a ilha era cuberta de selvas de bétulas, e que se não podia explorar sem machado na mão para abrir caminho: e com effeito, restos de plantas, fragmentos de vegetaes grandes, troços de bétulas bem conservados, formam o fundo dos paúes immensos que se acham em todas as baixas da ilha, de fórma que é forçoso admittir que houve tempo em que esta terra, hoje quasi escalvada, foi cuberta de verdura.

Esta terra assolada, que pareceria, bem como as ilhas do polo austral, destinada unicamente para exclusivo dominio das aves maritimas e dos phocas, tem, não obstante isso, habitantes humanos, para quem é patria querida: e a sua historia authentica appresenta factos e successos que muitos pensarão que só teriam logar nos annaes das sociedades civilisadas das regiões temperadas do globo.

Longos annos havia que os ousados navegantes no-

(*) Do mais principal Geysir demos noticia a pag. 293 do 2.º volume.

ruegos, levados pelas tempestades, tinham visitado a Islandia, que denominaram *ilha de neve, ou de gelo*, quando na ultima metade do seculo nono, familias da Noruega ahi buscaram asylo contra a tyrannia de seu rei Harald. Existe ainda um monticulo de pedras, terra e herva, onde repousa Ingulfo, o caudilho desta primeira colonia. Novas emigrações do mesmo paiz successivamente augmentaram a população da Islandia. Foi necessario estabelecer regimen para tanta gente; e constituiu-se uma republica com fórmulas prudentes, que, posto que fossem complicadas, não tinham as extravagancias tão communs nos primeiros ensaios politicos e sociaes dos povos. Por quatrocentos annos esta republica se manteve absolutamente independente da mãe-patria; e a sua submissão á Noruega, pelos annos de 1262, foi quasi uma formalidade; com ella porém passou em 1387 para o dominio da Dinamarca, a cujo sceptro ficou sempre pertencendo.

Os islandezes permaneceram por muito tempo fieis ao culto das divindades scandinavas. Thor, filho de Odino, conservou entre elles seus altares até ao começo do seculo undecimo, epocha em que toda a ilha abraçou o christianismo. A refórma de Luthero, introduzida ahi em 1540, teve a principio lentos progressos, mas uma revolução quasi subita nos animos lhe assegurou completo triumpho; e no anno de 1550, toda a ilha era lutherana. Estes acontecimentos religiosos assignalam os periodos mais memoraveis da historia da Islandia.

Dotados d'imaginação vigorosa, os islandezes ainda pagãos ouviam com delicia os versos e narrações dos seus scaldos: as canções da Islandia eram afamadas em todo o norte. O christianismo deu forte impulso a estas disposições intellectuaes: os historiadores continuaram os scaldos; o amor das lettras se generalizou, dilatou-se o ambito dos conhecimentos, e até ao meado do seculo 14.^o, a Islandia, mettida entre os gelos, foi um dos pontos litteratos e civilizados da Europa; e as opiniões dos seus escriptores tinham voga no mundo litterario. O edda, esse magnifico poema mythologico e historico é um dos seus titulos de gloria. [3] Posto que depois, por influencia de varias causas, as luzes fraquearam pouco a pouco na Islandia, a reforma religiosa excitou de novo os animos; e esta restauração islandeza, favorecida pela introdução da imprensa na ilha, teve felizes resultados: desde então affugentou-se a nevoa da ignorancia, e a instrução primaria alli está bastante diffundida. Os padres teem o direito de recusarem casar as raparigas ou mancebos que não souberem ler e escrever. A paixão deste povo por suas chronicas velhas, e antigas poesias nacionaes, é o principio desta educação popular: durante os grandes serões de seus longos invernos, o seu unico prazer consiste em ouvirem ler ou contar fragmentos da historia do paiz. As suas choças afumadas, cujas paredes e tectos são feitos de turfa afeioada como ladrilhos, se convertem em circulos litterarios; os homens preparam pelles, arranjam os instrumentos da pesca, ou trabalham delicadamente em prata, madeira, ou chifre: as mulheres fiam, ou fazem renda ou malha; e no entanto algum vae narrando no estilo de Ossian as proezas dos heroes islandezes, e dos seminumes scandinavos. Estes gostos e habitos litterarios annunciam felizes propensões e brandura de costumes; com effeito, o islandez é pacifico, benevolo, sobrio, e laborioso. Corre ledamente com seu destino, que nos parece miseravel, e nem sequer lhe passa pela idéa que pôde haver sob melhor clima uma vida mais afortunada. Consagra seus dias e cuidados a duas principaes occupações; criar os rebanhos, e pes-

car bacalhau, ou baléa: seus pensamentos, temores, e esperanças não ultrapassam o que diz respeito a estes dois interesses capitaes. Com parte destes productos se alimenta e se veste, e com outra parte que mette no commercio, obtem os objectos de que carece, e que a sua ilha não dá. Os islandezes fornecem tambem aos commerciantes inglezes e dinamarquezes, o celebre musgo do seu paiz, pelles de rapozas, penas d'aves, e o *edredon*, casta de pennugem ou frouxel d'uma especie de pato, chamado *eider*, o ganso frouxeleiro do Norte, *Anas molissima*, de Linneu: esta ave criam em grande quantidade os naturaes da ilha para lhe aproveitarem a pennugem, com que se fazem os mais deliciosos colxões.

Parece que esta vida simples, laboriosa e frugal deveria firmar a saude em homens oriundos da gente rija do Norte: infelizmente porém um desaceio odioso gera molestias de pelle que dizimam os islandezes, e transtornam a regularidade de suas feições. É tal a immundicie das suas choças, que o viajante hesita ao entrar nellas, por mui cubigoso que seja de estudar no lar domestico os costumes fielmente conservados dos scandinavos, e de ouvir fallar a antiga linguagem runica em toda a sua pureza. Além desta povoação dispersa ha, na entrada dos portos, aldeas edificadas de madeira, e honradas com o epitheto de villas ou cidades; estas teem um aspecto menos repugnante; porém já ahi o contacto dos dinamarquezes noruegos, e inglezes, profundamente tem alterado o typo nacional: o islandez estrême só se encontra na sua cabana de turfa, cheirando a azeite de baleia, toda denigrada pelo fumo, e cheia de immundicies que nunca conheceram vassoura.

O trajo islandez, rico e elegante em sua originalidade, como mostra a nossa estampa, prova que até debaixo das choupanas da Islandia reina uma especie de luxo: porém este fausto é unicamente reservado para grandes solemnidades, como nupcias, festas principaes &c.: nos dias ordinarios, o vestuario, tanto das mulheres como dos homens, compõe-se de um sobretudo e umas bragas, de panno grosso de laã, quasi pelo feitio das que usam os marujos da Normandia.

A ABOBADA.

Chronica Monastica.

[1401]

V

O VOTO FATAL.

RICA de galas, a primavera tinha vestido os campos da Estremadura do viço de suas flores: a madresilva, a rosa agreste, o rosmaninho, e toda a casta de boninas teciam um tapete odorifero e immenso por charnecas, comoros, e sapaes, e pelo chão das matas e florestas, que agitavam as fronte somnolentas, com a brisa de manhã purissima, mostrando aos olhos um balouçar de verdura, compassado com o das seáras rasteiras, que mais longe, pelas veigas e outeiros, ondeavam suavemente. Eram sete de Maio da era de Cesar de 1439, ou, como os letrados diziam, do anno da redempção, 1401. — Quatro mezes certos se contavam nesse dia, depois daquelle em que, em uma das quadras do aposento real, no mosteiro da Batalha, se passára a scena, que no antecedente capitulo narrámos, e que extraímos do famoso manuscripto mencionado no capitulo II, com aquella pontualidade e verdade, com que o grande chronista Fr Bernardo de Brito citava só documentos innegaveis e auctores certissimos, e com aquella imparcialidade e exacção, com que o mui grave e respeitavel historiador Voltaire narrava os successos passados, principalmente no que tocava á religião christã.

(3) Veja-se o que é o Edda em o N.º 94

Assistiu o leitor á promessa que mestre Affonso Dominguez fez a D. João 1.^o de que dentro de quatro mezes lhe daria posto o remate na abobada da casa capitular de Sancta Maria da Victoria; e lembrado estará de como elrei lhe promettêra, tambem, mandar vir de Guimarães todos os officiaes portuguezes que, despedidos da Batalha por mestre Ouguet, como menos habilidosos que os estrangeiros, haviam sido mandados para a obra, posto que grandiosa, menos importante, de Sancta Maria da Oliveira, hoje desaportuguezada, como como cal-la-te boca! — Eram nossos avós [gente assalvajada e casmurra] mui birrentos em cumprir promessas, e não quebrarem sua palavra, o que nascia das idéas gothicas daquellas eras barbaras; idéas que deram motivo aos casos de Martim de Freitas, de Nuno Gonçalves, de Fernão Rodrigues, das barbas de D. João de Castro, e a tantas miserias semelhantes, de que estão atulhadas as velhas chronicas, e que neste seculo de luzes nos obrigam a envergonhar-nos de nossos desassissados avós. Elrei partira de Alcobaca para Guimarães, onde nesse anno eram celebradas côrtes, e apenas ahi chegára, havia mandado partir para Sancta Maria da Victoria os officiaes e obreiros mais entendidos, que vieram apresentar-se a mestre Affonso.

Este, resolvido, tambem, a cumprir o promettido, mettêra mãos á obra. O capitulo foi desentulhado: aproveitaram-se as pedras da primeira edificação, que era possivel aproveitar, lavraram-se outras de novo, armaram-se os simples: e muito antes do dia aprazado, o fecho ou remate da abobada repousava no seu lugar.

Durante estes quatro mezes os successos politicos tinham trazido D. João 1.^o a Santarem, onde se fizera prestes, com bom numero de lanças, bésteiros, e peões para ir ajunctar-se com o Condestavel, e entrarem ambos por Castella, cuja guerra tinha recommçado, por se haverem acabado as treguas: para esta entrada se apparelhára elrei com uma lustrosa companhia de seus cavalleiros, e caminhando pela margem direita do Tejo, acampára juncto a Tancos, onde se havia de construir uma ponte de barcas para passar sua hoste, e seguir ávante até o Crato, que era o lugar aprazado com o Condestavel, para junctos irem dar sobre Alcantara [1].

Em Val-de-Tancos estava assentado o arraial da hoste d'elrei: os petintaes, que tinham vindo de Lisboa, trabalhavam na ponte de barcas, que se devia lançar sobre o Tejo: os bésteiros limpavam suas béstas, e folgavam em luctas e jogos; os cavalleiros corriam pontas, atiravam ao tavolado, monteavam, ou matavam o tempo em banquetes e beberrias. Tinham chegado áquelle sitio a cinco de Maio, e no seguinte dia elrei partira afforradamente para a Batalha, porque não se esquecêra de que os quatro mezes, que pedira Affonso Dominguez para alevantar a abobada, eram passados, e fôra avisado por Fr. Lourenço que a abobada estava acabada, mas que o architecto não quizera tirar os simples senão na presença d'elrei.

Antes de partir de Lisboa, D. João mandára saír dos cárceres, em que jaziam, bom numero de criminosos e captivos castelhanos, que, com grande pat-

[1] Não temos á mão a 2.^a edição da Chronica de D. João 1.^o de D. N. do Leão para ver se nella vem emendado o anno do mal succedido commettimento de Alcantara, que não podia ser no anno de 1410 como se lê na 1.^a edição. Fernão Lopes o pôe em 1439 que é o anno de Christo de 1401. Nem, pelos successos antecedentes e consequentes, referidos por ambas as chronistas, outra epocha se ha-de assignar ao cerco d'Alcantara; principalmente porque as condições da paz, que, logo depois dessa tentativa malograda, se começou a tractar, foram apresentadas á decisão nacional (que as rejeitou) nas cortes de Santarem, as quaes não podem ser senão as de 1406, não tornando a have-las nessa villa antes de 1418.

mo dos povos, e rodeados por uma grossa manga de bésteiros, tomaram o caminho da Batalha, sem que ninguem aventasse o motivo disto. Todavia elle era obvio: — elrei pensou que, assim como a abobada do capitulo desabára da primeira vez, passadas mais de vinte quatro horas depois de desamparada, podia agora derrocar-se em cima dos obreiros, no momento de lhe tirarem os prumos e travezes sobre que fôra edificada. Sollicito pela vida de seus vassallos; parente do povo por sua mãe, e crendo, por isso, que a morte d'um popular tambem tinha seu trance de agonia, e que lagrymas de orphãos e pobres eram tão amargas, ou porventura mais, que as de infantes e senhores, não quiz que se arriscassem senão vidas condemnadas, ou pela guerra, ou pelos tribunaes, e que, naquella, tinham remido sua sentença pela infamia da covardia, nestes, pela piedade ou antes esquecimento dos juizes. E se da primeira vez lhe não occorrêra esta idéa, fôra porque tambem na memoria de officiaes portuguezes, não havia lembrança de ter desabado uma abobada apenas construida.

Seguido só por dois pagens, D. João 1.^o atravessou a villa de Ourem pelas horas mortas do quarto de modorra, e antes do meio-dia apeou-se á portaria do mosteiro.

Os officiaes, que trabalhavam em varios labores, pelos telheiros e casas ao redor do edificio, viram passar aquelle cavalleiro e os dois pagens, mas não o conheceram: D. João 1.^o vinha cuberto de todas as peças, e ao galgar o ginete pelo outeiro abaixo, tinha descido a viseira.

“Benedicite!” — dizia elrei, batendo devagariinho á porta da cella de Fr. Lourenço.

“Pax vobis domine!” — respondeu o prior que logo conheceu elrei, e veio abrir a porta.

“Não vos incommodeis reverendissimo — disse D. João, entrando na cella, e sentando-se em um tamborete — deixae-me resfolegar um pouco, e dae-me uma vez de vinho.

“Não vos esperava tão de salto: — tornou Fr. Lourenço; e abrindo um armario, tirou delle uma borracha e um cangirão de madeira, que encheu de vinho, e pegando com a esquerda em uma escudela de barro de Estremoz [2] cheia de uma especie de bolo, feito de mel, ovos, e flor de farinha, apresentou a elrei aquella collação.

“Excellentíssimo almoço: — dizia elrei, descalçando o guante ferrado, e cravando, a espaços, os dedos dentro da escudela, d'onde tirava bocados do bolo, que ajudava com alentados beijos, dados no cangirão. Depois que cessou de comer, limpando a mão ao forro do tonelete, poz-se em pé, em quanto Fr. Lourenço guardava os despojos daquela batalha:

“Bofé — disse D. João, rindo — que não ando a meu talento, senão com o arnez ás costas: cada vez que o visto, parece-me que torpo á mocidade, e que sou o mestre de Aviz, ou antes o simples cavalleiro, que, confiado só em Deus, corria solto pelo mundo — monteando edomas [3] inteiras, e tendo sobre a consciencia só os peccados de homem, e não os escrupulos de rei. —”

“E então” — atalhou o prior — o vosso confessor Fr. Lourenço era um pobre frade, cujos unicos cuidados se encerravam em saber as horas do côro, e ler as sagradas escripturas, porém que hoje tem de velar muitas noites, pensando no modo de não deixar affrouxar a disciplina e boa governança de tão alteroso mosteiro. Mas, segundô vosso recado, que hon-

[2] A lonça de Estremoz é antiquissima em o nosso paiz. No tempo de Francisco 1.^o de França, mandavam-se buscar os pucaros desta lonça a Portugal, para beber a agua, que então, bem como hoje, se tornava neles excessivamente fria.

[3] Semanas.

tem recebi, vindes para assistir ao tirar dos simples da mui famosa abobada, o que mestre Dominguez aperfia em só fazer perante vós?"

"A isso vim — porém de espaço; que não será nestes cinco dias, que esteja prompta a ponte de barcas, que mandei lançar no Tejo, para passar minha hoste: durante elles, com vossos mui religiosos frades, me apparelharei para a guerra, enthesourando orações, e recebendo absolvição de meus erros."

Os principes pios — acudiu o prior com ar de compunção — são sempre ajudados de Deus, principalmente contra herejes e scismaticos, como os perros dos castelhanos, que a Virgem Maria da Victoria confunda nos infernos."

"Amén! — respondeu devotamente elrei.

"Avisarei, pois, mestre Affonso de vossa vinda, para que mande pôr tudo em ordenança de se tirarem os simples: elle me pediu que o mandasse chamar apenas fosseis chegado."

Fr. Lourenço safu, e d'ahi a pouco voltou acompanhado do architecto, que um rapaz guiava pela mão.

"Guarda-vos Deus, mestre Affonso Dominguez! — disse elrei vendo entrar o cego — "Aqui me tendes para ver acabada a feitura da mirifica abobada do capitulo de Sancta Maria, cujos simples não quizestes tirar senão em minha presença."

"Beijo-volas, senhor rei, pela mercê: dois votos fiz se levasse a cabo esta feitura; era esse um delles..."

"E o outro? — atalhou elrei.

"O outro dir-volo-hei, em breve; mas por ora permitti que para mim o guarde."

"São negocios de consciencia: — acudiu o prior. "Elrei não quer, por certo, fazer-vos quebrar vosso segredo."

D. João 1.^o fez um signal de assentimento ao parecer do seu antigo padre espirital.

Elrei, o prior, e o architecto ainda se demoraram um pedaço fallando ácerca da obra, e do que cumpria fazer no proseguimento della; mas antes disso o cego fallou em voz baixa com o rapaz que o acompanhára, o qual saíu immediatamente, e voltou, quando os tres acabavam sua conversação.

"Fernão d'Evora — disse o cego, sentindo-o outra vez ao pé de si — fizeste o que te ordenei, e deste a teu tio Martim Vasques o recado que te encomendei?"

"Senhor, si! Envia-vos elle a dizer que tudo está prestes."

"Então vamos a ver se desta feita temos mais perduravel abobada."

Isto dizia elrei, saíndo da cella de Fr. Lourenço, e seguindo ao longo do claustro. Já a este tempo se tinha espalhado no mosteiro a nova da sua chegada, e os frades começavam de ajunctar-se para o cortejarem: do mosteiro corrêra a noticia para a povoação, aonde muita gente dos arredores, principalmente de Aljubarrota, concorrêra naquelle dia por ser de feira; de modo que quando elrei desceu á crasta já alli se achavam mós de homens e mulheres, que queriam ve-lo — e ainda mais saber se desta vez a abobada vinha ao chão, para terem que contar aos visinhos e visinhas da sua terra.

As portas da casa do capitulo estavam abertas: via-se dentro della tal machina de prumos, travezes, andaimes, cabrestantes, escadas, que bem se podêra comparar a composição daquelles simples á fabrica do mais delicado relógio. Á porta, que dava para a crasta, estava um homem em pé, que se desbarreton apenas viu elrei, a cuja direita vinha o architecto, seguido por Fr. Lourenço e por outros frades.

O pequeno Fernão d'Evora disse a Affonso Dominguez o que foi: este lhe respondeu em voz baixa, e o rapaz chamou com a mão o homem desbarretado, que se chegou timidamente ao cego. Era um mancebo, que amostrava ter de idade ao mais vinte cinco annos, rosto comprido, tez queimada, nariz aquilino, olhos pequenos e vivos. Chegando-se ao cego, este o tomou pela mão, e voltando-se para elrei, disse:

Aqui tendes, senhor, a Martim Vasques, o melhor official de pedraria, que eu conheço; o homem que, com mais alguns annos de experiencia, será capaz de continuar dignamente a serie dos architectos portuguezes."

"E debaixo de meu especial amparo estará Martim Vasques — respondeu elrei — que por honrado me tenho com haver em meus senhorios homens que vos imitem [4]."

Ainda bem não eram acabadas estas palavras, sentiu-se um sussurro, entre o povo, que gyrava livremente pela crasta, e que se enfileirou aos lados: chegava a gente que devia tirar os simples.

Entre duas alas de bésteiros vinha um bom numero de homens, magros, pallidos, rotos, e descalços: alguns ainda no seu meneio mostravam porte altivo, e em seus farrapos se divisava a razão disso — eram bésteiros castelhanos, que em diversos recontros e pelejas tinham caído nas mãos dos portuguezes: as guerras entre Portugal e Castella assemelhavam-se ás guerras civis de hoje; para vencidos não havia nem caridade, nem justiça, nem humanidade; ser mettido em ferros era então uma ventura para o pobre prisioneiro; porque os mais delles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vingança dos máus tractos que em Castella padeciam os captivos portuguezes. Com os castelhanos vinham d'involta varios criminosos condemnados á morte por horriveis malfetorias.

"Misericordia!" — bradou toda aquella multidão, ao passar por elrei — e caíram de bruços sobre as lagens do pavimento.

"Comvosco a tenho, mesquinha gente: — disse elrei commovido — Se tirados os simples, que vedes acolá, a abobada não desabar sobre vós, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiae na sciencia do grande architecto que fez essa mirifica obra. Mandar-vos comprar vossa soltura a custo de tão leve risco, quasi que é o mesmo que perdoar-vos."

Os presos ergueram-se; mas a tristeza lhes ficou embebida no coração, e espelhada nas faces: o terror lhes fazia crer que já sentiam ranger e estallar as vigas dos simples, e que, ás primeiras pancadas, as pedras enormes da abobada, desatando-se da immensa volta, os esmagariam, como o pé do quinteiro esmaga a lagarta, enroscada na planta viçosa do horto.

Neste momento quatro forçosos obreiros chegaram á porta do capitulo, trazendo sobre uma pavióla uma grande pedra quadrada. Martim Vasquez, que já lá estava, gritou ao cego architecto:

"Mui sabedor mestre Affonso, que quereis se faça do canto, que para aqui mandastes trazer?"

"Assentae-o bem debaixo do fecho da abobada, no meio desse claro, que deixam os prumos contraes dos simples."

Os obreiros fizeram o que o architecto mandára: este então voltou-se para elrei, e disse:

"Senhor rei, é chegado o momento de vos declarar meu segundo voto. Pelo corpo e sangue do Redemptor jurei que sentado sobre uma pedra fria, de-

(4) Martim Vasques foi o 3.^o mestre das obras da Batalha e Fernão d'Evora o 4.^o — Veja-se a Memoria do Sr. D. Francisco de S. Luiz no 10.^o volume das da Academia.

baixo do fecho da abobada, estaria sem comer nem beber durante tres dias, desde o instante, em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguem poderá mover-me. — Se essa abobada desabar, sepultar-me-ha em suas ruinas: nem eu quizera encetar, depois de velho, uma vida deshonrada e vergonhosa: esta é minha firme resolução.”

Dizendo isto, o cego travou com força do braço de Fernão d'Evora; e encaminhou-se para a porta do capitulo.

“Esperae, esperae! — bradou el-rei. — Estaes louco, dom cavalleiro? — Quem, se vós morrerdes, continuará esta fabrica tão formosa filha de vosso engenho?”

“Mestre Ouguet: — tornou o cego, parando. — Não sou tão vil que negue seu saber e habilidade: se a abobada desabar segunda vez, ninguem no mundo é capaz de a fechar com uma só volta, e para a firmar sobre uma columna erguida no centro, mestre Ouguet o fará. Quanto ao resto do edificio, fizeti senhor rei que se prosiga meu desenho: é o que ora vos peço tão sómente.”

E o velho e o seu guia sumiram-se por entre as bastas vigas, que sustinham as traves dos simples: el-rei, Fr. Lourenço, e os mais frades ficaram atonitos e callados.

“Que tão honrado mestre corra parelhas no risco com esses perros castelhanos cousa é que se não póde soffrer: mas o voto é voto, senão...”

Isto dizia, com as mãos mettidas nas algibeiras, e vermelha até a raiz do cabello, uma velha muito gorda e com cara de arremetter, que na frente de uma das alas de povo presenciava o caso.

“Tendes razão tia Brites d'Almeida; e por ser voto me callo eu:” — acudiu el-rei, voltando-se para a velha. — “Mas, juro a Christo, que estou espantado de só agora vos ver! Porque me não viesdes fallar?”

“Perdoe-me vossa mercê — replicou a velha — eu vim trazer pão á feira, e ahí soube da chegada de vossa real senhoria: aqodadamente corri para vos fallar; custou-me a romper por entre estes parvos, que andam aqui de boca aberta. Ha já bom pedaço que estou a fazer-vos gaifonas: mas vós não sei que tinheis, que me parecies contemptivo. Que é isso? — temos novas voltas com os excommungados castelhanos? Se assim é, trosquiae-mos outra vez por Aljubarrota, que a pá não se quebrou nos sete que mandei de presente ao diabo, e ainda lá está em casa para o que der e vier.”

Soltando estas palavras, a velha tirou as mãos das algibeiras, e cerrando os punhos, ergueu os braços ao ar, com os meneios de quem já brandia a tremebunda e patriotica pá do forno, que hoje é gloria e brazão da gothica villa de Aljubarrota.

“Podeis dormir descansada, tia Brites: — respondeu el-rei, sorrindo-se: bem sabeis que sou portuguez e cavalleiro, e a gente de nossa terra é cortez: el-rei de Castella veio visitar-nos varias vezes: e agora eu ando na demanda de lhe pagar com usura suas visitações.”

Em quanto este dialogo se passava, Martim Vasques tinha posto tudo a ponto; e dando as suas ordens da porta, as primeiras pancadas de martello, batendo nos simples, resoaram pelo ambito da casa capitular. Fez-se um grande silencio e todos os olhos se cravaram em Martim Vasques.

Passada uma hora, aquelle montão de vigas, barrotos, taboas, cambotas, cabrestantes, reguas, e travessas tinha passado pela crasta fóra, em collos de homens: os presos tinham sido postos em liberdade, com grande raiya da tia Brites ao ver ir sol-

tos os bésteiros castelhanos; e só no centro da ampla quadra se via uma pedra, sobre a qual, mudo, e com a cabeça pendida para o peito, estava assentado um velho.

A este velho rogava elrei, rogavam frades, rogava o povo, cá da porta, que saisse d'alli; mas elle não lhes respondia nada. Desenganados, emfim, foram-se successivamente retirando da crasta, onde ao pôr do sol, começou a bater o luar de uma formosa noite de Maio.

Tres dias se passaram assim. — Mestre Affonso, assentado sobre a pedra fria, nem cedera ás rogativas de Anna Margarida, que, obrigada pela boa amisade que tinha a seu amo, se atrevera a cruzar os perigosos umbraes do capitulo, para ver se o movia a tomar alguma refeição: tudo recusou o cego: a sua resolução era inabalável: tambem a abobada estava firme, como se fora de bronze. No terceiro dia á tarde, elrei, que tinha passado os tres dias em aparelhar-se para a guerra com actos de piedade, desceu á crasta, acompanhado de Fr. Lourenço, e de outros frades e chegando á porta do capitulo viu Martim Vasques e Anna Margarida juncto á pedra fria de Affonso Dominguez, e este pallido e com as palpebras cerradas encostado nos braços delles.

O mancebo e a velha choravam e soluçavam, sem dizerem palavra.

“Que temos de novo? — perguntou elrei, chegando á porta, e vendo aquelles dois estafermos. — Completam-se ora os tres dias do voto: ainda mestre Affonso teimará em estar aqui mais tempo?”

“Não, senhor: — respondeu Martim Vasques, com palavras mal articuladas: — não estará aqui mais tempo; porque seu corpo é herança da terra; sua alma repousa com Deus.”

“Morto!? — bradaram a uma voz elrei e Fr. Lourenço; e correram para o cadaver do architecto, olhando, todavia, primeiro para a abobada com um gesto de receio.”

“Nada temais, senhores: — disse Martim Vasques — As ultimas palavras do mestre foram estas: a abobada não caíu... a abobada não cairá!”

O architecto, já velho, não póde resistir ao jejum absoluto a que se condemnára: no momento em que, ajudado por Martim Vasques e Anna Margarida, se quiz erguer, caiu moribundo nos braços delles, e aquelle genio de luz se mergulhou nas trevas do passado.

Elrei derramou algumas lagrymas sobre os restos do bom cavalleiro; e Fr. Lourenço resou em voz baixa uma oração fervente pela alma generosa, que até o ultimo arranco escrevêra sobre o marmore o hymno dos valentes de Aljubarrota.

Na pedra, sobre a qual mestre Affonso expirára, ordenou elrei se tirasse ao natural o vulto do honrado architecto, e que esta imagem fosse collocada em um dos angulos da casa capitular. A' pobre Anna Margarida, que ficava sem arrimo, doou as casas em que o mestre morava, e lhe fez, além disso, assignaladas mercês.

Mestre Ouguet, pelo que o cego dissera a elrei, e porque, emfim, era estrangeiro, foi logo restituído ao cargo que occupára, e quando nos serões do mosteiro alguém fallava nos meritos de Affonso Dominguez, e na sua desastrada morte, cortava o irlandez a conversação, dizendo com um riso amarello:

“Olhem que foi forte perda!”

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo
N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.